



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS-MS
LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

MILENI SATIL DE OLIVEIRA

**ENSINO MÉDIO: UNIVERSO INÉDITO
LEITURA E ESCRITA, SOLOS NUNCA “DANTES” PISADOS**

**Dourados-MS
2015**

MILENI SATIL DE OLIVEIRA

**ENSINO MÉDIO: UNIVERSO INÉDITO
LEITURA E ESCRITA, SOLOS NUNCA “DANTES” PISADOS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora Profa. MSc Elma Luzia Correa Scarabelli.

Dourados-MS
2015

O48e

Oliveira, Mileni Satil de

Ensino Médio: universo inédito, leitura e escrita, solos nunca
“dantes” pisados/ Mileni Satil de Oliveira.
Dourados: UEMS, 2015. 48p. ; 30cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação
Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Ensino médio 2. Leitura 3. Escrita.I.Título.

CDD 23.ed. 373

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Data e assinatura do autor

MILENI SATIL DE OLIVEIRA

**ENSINO MÉDIO: UNIVERSO INÉDITO
LEITURA E ESCRITA, SOLOS NUNCA “DANTES” PISADOS**

APROVADO EM: ____/____/2015.

**Profa. MSc. Elma Luzia Correa Scarabelli/UEMS
Orientadora**

**Profa Dra. Elza Sabino da Silva Bueno/UEMS
Membro Titular**

**Profa Dra. Silvane Aparecida de Freitas/UEMS
Membro Titular**

**Profa. Dra. Eliane Aparecida Miqueletti/UEMS
Membro Suplente**

Epígrafe:

“A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre- escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos”.

Saviani, 2009.

DEDICATÓRIA

Dedico a conclusão deste trabalho aos meus pais, familiares, professores, amigos e colegas de curso. Tenho a consciência de que não alcançamos nossas vitórias sozinhos. Elas pertencem àqueles que estão na plateia torcendo, no camarim incentivando e nos bastidores orando. Todas as minhas vitórias pertencem aos atores e coadjuvantes que comigo estão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus pais, familiares, professores, amigos e colegas de curso o privilégio de estar vivendo este dia. Sei que, sem o apoio destas pessoas, jamais poderia viver este momento tão maravilhoso.

Agradeço a Deus a dádiva de ter-me concedido saúde, tranquilidade, sabedoria e discernimento para que pudesse realizar minha pesquisa e concluí-la.

Agradeço aos meus pais Pedro Satil de Oliveira e Doralice Aparecida de Oliveira a oportunidade que eles me proporcionaram de estudar, pois sei que muitas pessoas não tem o mesmo privilégio. Todavia, meus pais proporcionaram-me com alegria, dedicação e empenho a oportunidade de graduar-me e ser uma profissional.

Agradeço aos demais familiares o carinho dispensado a meu favor, agradeço às gentilezas e demonstrações de afeto nos momentos de instabilidades.

Agradeço especialmente às minhas tias: Cleonice, Elsa, Judite, Maria Aparecida e Sônia, e às minhas primas: Cristiane, Fernanda, Luana, Lígia, Raiane e Roseli.

Agradeço a minha avó Maria Augusta Ferreira de Oliveira (in memoriam) pelo carinho, amor e cuidado que sempre dispensou a meu favor. Seria este momento de extrema alegria para ela, caso estivesse viva e pudesse prestigiá-lo.

Agradeço aos meus professores pelo empenho, dedicação, compreensão e solidariedade para comigo e meus colegas de turma. Sei que sem eles, o pouco do que hoje sei e sou não seria possível.

Agradeço com carinho especial à minha orientadora Prof^a MSc Elma Luzia Correa Scarabelli pelo empenho e carinho que teve comigo em cada momento de desespero, angústia e medo, sem deixar-me desistir de meus objetivos

Agradeço aos meus amigos pelo apoio moral, carinho, solidariedade e companheirismo nestes anos de estudos. Sei que o apoio deles foi fundamental para que eu não “perdesse o foco” e estivesse sempre em busca do alvo.

Estendo minha gratidão às minhas amadas amigas douradenses que considero presente de Deus: Camila Bertotto, Eva Gomes Brito e Nineve Bertotto, que lutaram comigo durante todos os anos que tenho estudado.

Agradeço o carinho, companheirismo e amizade dos meus colegas de curso. Com os quais construí uma amizade íntegra, sincera e verdadeira a qual levarei para toda a minha vida. Em

especial: Jacqueline Luciano do Santos, Janaína Oliveira Botelho, Ione da Rocha Severo, Naiara Keila de Oliveira, Steffany Gomes e Thaís Cristina de Almeida Moura.

RESUMO

O trabalho em questão surgiu da observação continuada do comportamento de alunos do Ensino Médio da escola Estadual Presidente Vargas, Dourados – MS, nas aulas de língua portuguesa, enquanto se atuava como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Observou-se que os alunos do Ensino Médio da referida escola selecionados para este trabalho, apresentavam extrema dificuldade nas competências de leitura e escrita de textos, dando por sua vez tema a este trabalho, cujo objetivo é evidenciar que as competências de leitura e escrita são de fato, “solos pisados” e que deixam marcas apenas no Ensino Médio. De modo a buscar respostas às perguntas formuladas neste trabalho, desenvolveu-se uma linha de pesquisa com base teórica, análise de dados documentais, bem como foi utilizado a pesquisa de campo para se obter dados ainda mais precisos e empíricos. Utilizou-se do método indutivo de pesquisa, cuja abordagem metodológica prevê que, através da indução experimental, o pesquisador pode formar uma lei geral a partir da observação de casos particulares. A compilação teórica abordada, parte das contribuições de estudiosos como Bagno (1999), Freire (1987), Foucambert (1994), Koch (2010), Nóvoa (1999), Orlandi (2008), Saviani (2009) dentre outros, que buscam fundamentar as discussões que se perpetuam no mundo acadêmico em relação ao tema leitura e escrita. As considerações obtidas neste trabalho são de que os alunos que saem do Ensino Fundamental só obtêm de fato contato efetivo com a leitura e a escrita no Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino Médio; Leitura; Escrita.

ABSTRACT

The work in question arose from the continued observation of high school students behavior of the State President Vargas School, Dourados - MS, in the Portuguese Language classes, while serving as a scholarship of the PIBID (Institutional Program Initiation Scholarship in Teaching). It was observed that the high school students of that school selected for this work, had extreme difficulty in reading skills and writing texts, giving in turn subject to this work, which aims to show that reading and writing skills are in fact, "they stepped on land" and that leave marks only in high school. In order to find answers to the questions raised in this paper, a line of research with theoretical basis was developed, analysis of documentary evidence, and was used field research to obtain data even more accurate and empirical. We used the inductive method of research, whose methodological approach provides that, through the experimental induction, the researcher can form a general law from the observation of particular cases. The approached theoretical compilation of the contributions of scholars such as Bagno (1999), Freire (1987), Foucault (1994), Koch (2010), Nóvoa (1999), Orlandi (2008), Saviani (2009) among others, seeking support the discussions that are perpetuated in the academic world regarding the reading and writing theme. Considerations obtained in this work are that students coming out of elementary school only gets really effective contact with reading and writing in high school.

Keywords: High School; Reading; Writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROBLEMAS DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO.....	15
CAPÍTULO 2 - ESPECIFICAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	20
2.1 Objetivos gerais do Ensino Fundamental.....	20
2.2 O aluno leitor/escritor que se espera no Ensino Fundamental	24
2.3 O aluno leitor/escritor produzido pelo Ensino Fundamental.....	26
2.4 Objetivos gerais do Ensino Médio.....	30
2.5 O aluno leitor/escritor que se espera no Ensino Médio.....	33
2.6 O aluno leitor/escritor produzido pelo Ensino Médio.....	35
CAPÍTULO 3 – “AS VOZES DOS QUE POUCO FALAM”	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da observação continuada do comportamento de alunos do Ensino Médio da escola Estadual Presidente Vargas, Dourados – MS, nas aulas de língua portuguesa, durante o desenvolvimento do subprojeto Interdisciplinar do Programa PIBID/CAPES/UEMS. Foi observado que os alunos do Ensino Médio da referida escola apresentavam dificuldade nas competências de leitura e escrita instaurando, de forma intrigante, um desejo de descoberta dos eventuais motivos que os fazem chegar ao Ensino Médio sem dominar com proficiência tais competências.

Em uma investigação informal pôde-se levantar a hipótese de que as dificuldades apresentadas pelos alunos, no que se refere às competências de leitura e escrita, são resultantes do ensino/aprendizagem proporcionado no Ensino Fundamental. Diante de tal análise reflexiva, este trabalho/pesquisa tem como tema “Ensino Médio: Universo Inédito. Leitura e Escrita, solos nunca “dantes” pisados. Nestes termos, tem-se como objetivo evidenciar que as competências de leitura e escrita são de fato, “solos pisados” e que deixam marcas apenas no Ensino Médio, partindo da premissa de que os alunos do Ensino Fundamental tiveram poucos trabalhos que envolviam leitura e escrita ou que tais competências foram trabalhadas inadequadamente.

Para a construção deste trabalho/pesquisa, muitas perguntas foram formuladas, partindo do pressuposto de que o ser humano está em busca contínua do conhecimento, e, portanto, de acordo com Einstein “não são as respostas que movem o mundo, mas sim as perguntas”.

De modo a buscar respostas às perguntas formuladas neste trabalho, desenvolveu-se uma pesquisa de base teórica, com descrição de dados documentais e pesquisa de campo para se obter dados ainda mais precisos sobre as competências de leitura e escrita no Ensino Médio, uma vez que, a pesquisa é uma atividade prática teórica que milita entres os terrenos da ação e do pensamento, por assim dizer do concreto e do abstrato, do objetivo e do subjetivo.

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido em primeiro lugar um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos (DESLANDES, 2012, p. 16).

Para que uma pesquisa seja academicamente aceita, é imprescindível que o estudioso responsável por ela, desenvolva uma metodologia que não dê espaços para suposições e

achismos. A forma como o estudioso desenvolve o seu trabalho para a obtenção da “verdade” é entendida como metodologia, desta forma o autor supra citado corrobora grandemente neste sentido, quando traça um perfil do que vem a ser a metodologia.

Metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade (DESLANDES, 2012, p.14).

Entende-se por método, conforme Lakatos e Marconi (2010, p.65), “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Nestes termos, o trabalho em questão utilizou-se do método indutivo de pesquisa. Essa abordagem metodológica prevê que, através da indução experimental, o pesquisador possa formar uma lei geral a partir da observação de casos particulares.

Para Kauark (2010, p.67), “o método indutivo é aquele em que se utiliza a indução, processo mental em que, partindo-se de dados particulares, devidamente constatados, pode-se inferir uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas”.

Partindo destes aludidos ensinamentos, é importante abordar que o trabalho ora apresentado surgiu da observação particular de determinada situação e buscou, por meio dos referenciais teóricos, bem como da pesquisa de campo, construir uma proposta sobre o objeto analisado.

Os referenciais teóricos utilizados buscam contribuir com uma análise menos fragmentada e mais ampla da situação problema, bem como evidenciar que as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à leitura e à escrita apontadas neste estudo, apesar de já se tratar de um tema, muitas vezes, abordado trará à baila novas discussões e novos paradigmas.

Assim sendo, a compilação teórica que será apresentada e que foi realizada a partir das contribuições de estudiosos como Bagno (1999), Freire (1987), Foucambert (1994), Koch (2010), Nóvoa (1999), Orlandi (2008), Saviani (2009) dentre outros, busca fundamentar as discussões no mundo acadêmico.

Os preceitos apregoados pelos PCN's, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional entre outras regulamentações, possibilitam que este trabalho tenha cunho científico, à medida que as discussões realizadas estão pautadas em reflexões críticas e investigativas.

A pesquisa de campo realizada tem uma perspectiva teórica, pois todos os questionamentos abordados estão amparados no referencial teórico apresentado.

Para que didaticamente possa ser realizada a leitura e compreensão dos conteúdos abordados, esta pesquisa está dividida em três capítulos a saber:

1.º capítulo: breve contextualização dos problemas de leitura e escrita observados nos alunos do Ensino Médio, bem como o levantamento de uma possível causa da problemática;

2.º capítulo: busca apontar os objetivos do Ensino Fundamental e Médio, bem como o perfil dos alunos leitores e escritores do Ensino Fundamental e Médio, bem como o perfil dos alunos que o Ensino Fundamental e Médio têm produzido;

3.º capítulo: está centrado na reflexão dos dados obtidos na pesquisa de campo realizada com alunos do 1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Médio da Escola Estadual Presidente Vargas, Dourados – MS. A reflexão objetiva avaliar se de fato os alunos tiveram pouco acesso à leitura e à escrita no Ensino Fundamental.

Finalmente, nas considerações finais, está a ponderação e as conclusões obtidas no caminhar desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROBLEMAS DE LEITURA E ESCRITA

O acesso à educação é obrigatório e deve ser oferecido pelo Estado e garantido pela família. De acordo com o que está consubstanciado pela Constituição Federal de 1988, em seus arts. 6º e 205.

Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 2012, p.18)

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2012, p.121)

Em consonância com a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) assevera em seu Art.5.º que:

O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo. (BRASIL, 1996, p.3)

Entretanto, o acesso a este sistema educacional não garante que seus usuários tenham a oferta de um ensino gratuito de qualidade, ante ao que está designado na Carta Magna nacional.

O número de usuários do Sistema Educacional gratuito é muito intenso, quando comparado ao número de estudantes matriculados nas redes privadas de ensino, o que por sua vez, acaba por comprometer a qualidade da educação oferecida àqueles que frequentam os bancos escolares das redes públicas. Tal entendimento não pode ser tomado como premissa única e incontestável para o fato de os alunos apresentarem dificuldades bastante comprometedoras no que se refere às competências de leitura e escrita de textos.

Os professores da rede pública, bem como os professores de redes privadas são especializados para promoverem um ensino de qualidade que é a premissa maior de todo o processo educacional, entretanto, faz todo o sentido dizer que alguns professores não se martirizam pelo ensino de má qualidade que oferecem a seus alunos. Em decorrência do fazer, por assim dizer “descompromissado”, origina-se uma cadeia circular de problemas que irão se perpetuar ano após ano no processo de ensino/aprendizagem. Todavia, vale afirmar que não se pode atribuir a culpa pelo atual fracasso educacional a uma parcela mínima de pessoas “descompromissado”, seria esta uma afirmação inconsequente.

O fato é que nos dias atuais, os alunos que tem chegado ao Ensino Médio apresentam uma série de dificuldades, tanto no que concerne à Língua Portuguesa, assim como no que diz respeito às outras disciplinas dispostas no currículo escolar.

Enquanto estudante, bolsista e pesquisadora atuante do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), foi possível observar que os alunos do Ensino Médio da escola Estadual Presidente Vargas da cidade de Dourados-MS apresentavam muitas dificuldades no ato de ler e escrever, fato que me intrigou muito e que me despertou o interesse em estudar e pesquisar se as dificuldades apresentadas pelos alunos, em relação às competências de leitura e escrita são reflexos do processo de ensino/aprendizagem promovido pelo Ensino no Fundamental das escolas da rede pública de ensino, que por sua vez tornou-se o objetivo deste trabalho.

Essas dificuldades por parte dos alunos tornaram-se alvo desta pesquisa, porque antes de estar inserida no ambiente escolar, não conhecia, de fato, o que acontecia na escola, nem como era seu funcionamento, nem como se formava o grupo escolar em toda a sua construção social, intelectual e pragmática.

Todavia, durante todo o tempo em que tenho sido bolsista juntamente com outros colegas, temo-nos deparado com um número, cada vez maior, de alunos alfabetizados e não letrados. Ao fazer uma reflexão crítica e informalmente investigativa, notou-se que os alunos que chegavam ao Ensino Médio da referida escola, em alguns casos, não conheciam as funções básicas do texto, nem como é a sua estrutura, além de poucos terem realizado leituras de cunho interpretativo, crítico e reflexivo ainda no Ensino Fundamental. Há uma recorrência, por assim dizer, de alunos que chegam ao Ensino Médio sem saber diferenciar gêneros e tipologias textuais. Alunos que não conseguem expressarem-se no papel de forma coerente, alunos que incidem no desvio da norma culta privilegiada pela escola, assim como alunos que não conseguem fazer inferências e nem extrair informações implícitas no texto.

Notei também que há uma grande parcela de alunos que reproduzem em seus textos marcas fortíssimas de sua linguagem oral cotidiana. Contudo, não é novidade que existem variedades de línguas faladas, e que estas variedades se fazem presente no ambiente escolar, bem como incidem no modo como os alunos refletem seus pensamentos por escrito e até mesmo na forma com que delineiam seus pensamentos e desenvolvem suas reflexões e críticas.

Tem-se conhecimento também, de que a ideia de que existem formas “linguísticas corretas” e, logicamente, “formas erradas” parecem ser tão antigas quanto às primeiras reflexões sobre a linguagem humana. Com relação à crítica do ensino da língua portuguesa nos

moldes tradicionais, baseados exclusivamente nas noções pouco consistentes da gramática normativa e impregnados de preconceitos sociais, citamos Bagno (1999, p.18) que colabora:

O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão.

Partindo dos aludidos ensinamentos de Bagno (1999), depreende-se que ensinar língua portuguesa aos alunos, em muitas situações, é como ensinar uma língua estrangeira. Muitos de nossos alunos falam, escrevem e interpretam a língua, a partir do ambiente do qual são provenientes. E, diante de tal constatação é necessário que a escola de forma mais atuante possibilite o acesso ao saber a seus alunos, bem como desenvolva metodologias que edifiquem e solidifiquem a produção do conhecimento científico.

Compreende-se que a escola ao lidar com indivíduos heterogêneos tem dificuldade em promover de forma concreta a todos os seus alunos a mesma perspectiva de ensino. Entretanto, sem perder de vista o objetivo primordial da escola, é necessário que a instituição de ensino consiga “introduzir” em seus alunos o fato de que a escrita está atrelada quase que totalmente às leituras que se faz, e, portanto, é preciso que estas leituras sejam as mais diversas possíveis, de modo que a escrita seja criativa, coerente, ponderada, reflexiva e referencial, sem esquecer-se de que há uma norma padrão culta, e que, é esta norma que a escola, a sociedade e as demais entidades avaliadoras requerem que todos os indivíduos literalmente letrados, sejam capazes de dominar.

A intenção deste trabalho, não é inverter os valores cultivados pela sociedade, nem defender que o ensino de português deixe de valorizar as demais variantes de língua falada e escrita presentes no ambiente escolar. O fato é que os alunos precisam compreender que a fala, a escrita e a leitura fazem parte de um processo de adequação e que todos devem estar preparados para adequarem-se às mais diversas situações, inclusive quanto ao fato de a escola requerer uma adequação quanto à competência de leitura e escrita.

Partindo do pressuposto da adequação, não se pode aceitar que os alunos das redes públicas de ensino sejam condicionados a aprenderem o alfabeto nas cartilhas pouco educativas e a fazerem junções silábicas simples, para progredirem para as formas complexas, sendo, portanto, pouco influenciados e adequados ao ato de ler e produzir textos.

Os alunos, ainda no Ensino Fundamental, precisam travar contato direto com as leituras reflexivas e que promovam o pensamento crítico. Já em relação à escrita, esta não pode ser fundamentada em cópia repetitiva de textos do livro didático ou nas respostas simplórias de perguntas óbvias promovidas pela insignificante interpretação textual que se limita a perguntas como: Quem é o personagem principal do texto? Quantos são os personagens do texto? Qual é a cor do vestido da Maria? O narrador é personagem?

Toda esta série de perguntas amplamente conhecidas pelos que já passaram pelo Ensino Fundamental, colocam em dúvida se realmente há preocupação de que o aluno desenvolva sua capacidade de leitura e escrita, quando na verdade, praticam a obviedade de ações simples.

Nestes termos, a função da escola é promover um ensino pautado na reflexão, na inovação, de modo que o aluno seja preparado para lidar com situações que ultrapassem o imaginário composto no livro didático.

O estudante do Ensino Fundamental precisa escrever muito mais que uma narrativa elementar de “Como foram as suas férias?”. Precisa conhecer muito mais que uma tipologia textual e gênero discursivo, temas que até hoje muitos professores do Ensino Fundamental não conseguiram diferenciar, fazendo com que seus alunos tenham a errônea ideia de que a narrativa é um tipo de gênero, quando na verdade é uma tipologia, e quando estes, então, chegam ao Ensino Médio e são convidados a escrever um Artigo de Opinião, por exemplo, escrevem-no como se estivessem escrevendo uma narrativa. A confusão, portanto, toma espaço, aglomera pessoas e envolve todos em um círculo vicioso, como se fosse uma “bola de neve”.

Desta forma estarrecedora, toda a capacidade intelectual de nossos alunos tem sido desperdiçada com produções simplórias, como se estes fossem incapazes de produzir mais, de serem melhores, produzindo por sua vez uma amálgama de “ensino/aprendizagem” de má qualidade.

O aluno ainda no Ensino Fundamental precisa ter acesso aos cânones da literatura infanto-juvenil, e, porque não, produzir um resumo de sua reflexão crítica sobre obra?

Todas estas expectativas parecem ainda ser realidades distantes, porque os professores, e isso parece ser uma “epidemia comum”, estão acostumados a seguirem a cartilha pouco informativa e ao livro didático, privando-se assim, de produzir aulas melhores, diferenciadas e inovadoras, porque esse tipo de abordagem costuma dar trabalho, e os docentes não querem mais trabalho além do que já lhes são de praxe e inerentes à profissão.

Outro fator que serve de “muleta” para o uso das cartilhas e livros didáticos como material a ser seguido na íntegra pelos professores é o fato de que, sendo estes instrumentos

oferecidos pelo próprio sistema educacional, seria contraditório questionar a qualidade de tal material. Não há o porquê de se inovar quando já existe algo pronto, que só basta ser seguido.

Desta forma, os alunos têm ficado a mercê do velho e nunca do novo. Isso tem prejudicado a propagação do conhecimento. Há uma série de informações circulando ao mesmo tempo, os estudantes precisam ser capazes de absorvê-las, interpretá-las, refleti-las, contestá-las e recorrê-las no momento da escrita, fazendo assim com que o processo de “educação bancária” como registra Paulo Freire, deixe de ser perpetuado. O aluno não é apenas o sujeito passivo na relação de aprendizagem, ele não é um mero receptor, pois ele ocupa os dois polos da relação educacional, ora como aprendiz, ora como sujeito que tem muito a ensinar.

Quando o assunto é educação bancária, Freire assevera que:

O que não percebem os que executam a “educação bancária”, deliberadamente ou não (porque há um sem-número de educadores de boa vontade, que apenas não se sabem a serviço da desumanização ao praticarem o “bancarismo”) é que nos próprios depósitos, se encontram as contradições, apenas revestida por uma exterioridade que as oculta. E que, cedo ou tarde, os próprios “depósitos” podem provocar um confronto com a realidade em devenir e despertar os educandos, até então passivos, contra a sua “domesticação” (FREIRE, 1987, p. 60) .

Portanto, o processo de leitura e escrita precisa ser trabalhado com eficácia, empenho, destreza e comprometimento, ainda no Ensino Fundamental, por se tratar de um processo essencial para o desenvolvimento intelectual de todo indivíduo. Antagônica e ao mesmo tempo sinônima, a leitura e a escrita devem ser aprendidas concomitantemente, pois são interligadas, e, à medida que se lê, se escreve melhor. Ao passo que, para se escrever melhor, é necessário que haja leitura.

Neste sentido Foucambert contribui, asseverando que:

As pedagogias da leitura e da escrita estão ligadas: pela natureza da situação de comunicação e não apenas pelo código utilizado. Isto não quer dizer que seja preciso “saber” ler para poder escrever, mas significa que toda produção se inscreve no sistema provisoriamente elaborado pelas estratégias mobilizadas pela recepção (FOUCAMBERT, 1994, p. 76).

Que não seja o Ensino Médio, todavia, o espaço onde tudo se faz novo, onde a leitura e a escrita sejam solos inéditos, nunca “dantes” pisados.

CAPÍTULO 2 – ESPECIFICAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

2.1 Objetivos gerais do Ensino Fundamental

A escola é o lugar onde o conhecimento científico é produzido e reproduzido, deveria ser o espaço ideal para se promover a educação. Entretanto, durante muitos anos, ela não tem conseguido construir, assim como transmitir satisfatoriamente na vida de seus alunos este tipo de conhecimento.

Sendo a escola, portanto, o espaço da mediação/reprodução do conhecimento, é válido ressaltar que não existem sujeitos competindo e nem sujeitos adversários, pois, cada qual possui um nível de conhecimento que se diferencia do conhecimento do outro, pelo fato das experiências de vidas serem distintas, bem como as culturas, crenças, ambições, preferências e hábitos.

A escola tem diversos fins e objetivos, dentre eles, pode-se pontuar o de motivar seus alunos a conhecer um mundo que muitas vezes está encoberto pelos dogmas, paradigmas e crenças, pois, um aluno motivado pelo fato de conhecer a verdade que transforma, tem mais chances de conseguir assimilar o novo e usá-lo como estratégia inovadora.

Outro objetivo da escola é o de ensinar e possibilitar ao discente a aquisição do conhecimento por meio de um processo interacional, ou seja, interação com o outro, com as experiências que o outro traz em seu histórico de vida. Portanto, de acordo com os PCN, em sua Introdução:

A escola preocupada em fazer com que os alunos desenvolvam capacidades ajusta sua maneira de ensinar e seleciona os conteúdos de modo a auxiliá-los a se adequarem às várias vivências a que são expostos em seu universo cultural; considera as capacidades que os alunos já têm e as potencializa (BRASIL, 1997, p.48).

Assim sendo, a escola tem o dever, enquanto instituição de ensino, de mediar o conhecimento científico disposto no currículo escolar, utilizando-se dos conhecimentos empíricos e não elaborados que os alunos trazem consigo para a instituição educacional.

Para Saviani, “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber [...]” (SAVIANI, 2008, p. 15). Mas, isso não basta, é necessário que os alunos aprendam a aprender. As instituições escolares devem desenvolver metodologias que ensinem, ou ao menos, instiguem seus alunos a serem cada vez mais motivados a aprender.

Diante dessas exigências, as escolas, muitas vezes, têm se tornado um ambiente pesaroso, desmotivador e pouco informativo, contrariando, todavia, seu objetivo maior que é possibilitar a aquisição do conhecimento elaborado.

É importante salientar, também, que há um número muito grande de exigências impostas à figura do professor. Neste sentido, Nóvoa corrobora da seguinte maneira:

Há um autêntico processo histórico de aumento das exigências que se fazem ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades. No momento actual, o professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que lecciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afectivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc.; a tudo isto pode somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma (NÓVOA, 1999, p. 100).

Mediante este rol taxativo de cobranças exigidas aos professores, há que se falar que muitas vezes os docentes acabam se perdendo em relação às suas funções, e isso também faz com que a escola caminhe, “alunos e professores”, sem foco, tornando o processo de ensino/aprendizagem cada vez mais desmotivador.

Diante do exposto, é imprescindível que a escola não se torne um ambiente que contrarie a sua missão, estando sempre atenta, portanto, à produção do conhecimento científico e à potencialização do conhecimento empírico, uma vez que os alunos antes de ocuparem os bancos escolares já possuem uma série de conhecimentos inerentes ao ambiente em que vivem, e quando então chegam à escola, ocorre certa ruptura entre seus saberes e os abordados pela instituição educacional. De forma que, o relevante processo de mediação do conhecimento científico, acaba por subtrair e mitigar a “bagagem cultural” tão valiosa dos alunos.

Nestes termos, pode-se inferir que tudo o que os alunos sabem antes de adentrarem ao ambiente escolar é extremamente válido para a construção do conhecimento científico, não há, portanto, que se pensar em uma exclusão ou minimização de suas aprendizagens. Há, todavia, que se pensar em uma agregação de valor entre o que já se sabe e o que se tem a aprender. Assim sendo, é preciso que os professores estejam preparados para resgatar de seus alunos tudo o que eles já sabem, principalmente no que se refere ao conhecimento científico, sem menosprezar suas experiências e “verdades construídas”. É preciso que os professores, juntamente com os alunos, construam “novos conhecimentos”, que regerão toda a vida estudantil dos discentes.

Tomando como referência as instruções da estudiosa Orlandi:

Saber nenhum é questão de tudo ou nada. Há formas de saber que são diferentes e que têm funções sociais distintas. Há o saber dominante e há outros que sequer são formulados. O fato de se atribuir diferentes estatutos epistêmicos a essas formas de saber está ligado ao fato de que, uma vez que a sociedade é dividida, há as formas legítimas e as que não são legítimas (que tem que se legitimar)” [...] “Daí, a meu ver, se dever reivindicar politicamente o acesso às formas do conhecimento legítimo, mas ao mesmo tempo, criar espaço para a elaboração de outras formas de conhecimento que derivem do conhecimento efetivo do aprendiz em suas condições sociais concretas (ORLANDI, 2008, p.37).

É válido, entretanto, ressaltar que muitas vezes os docentes não se atentam a esses fatos, fazendo com que o processo de ensino/aprendizagem seja eliminatório àqueles que não conseguem se adaptar à regra do jogo estabelecida pelo próprio professor. É importante, que se considere que quando os alunos adentram a escola tudo se faz novo, há um “boom” de informações em suas cabeças, e eles precisam assimilar estas novidades, processá-las e usá-las de forma adequada, o que em alguns casos, acaba não acontecendo.

De acordo com dados estatísticos do QEDU¹ cerca de 6,2% dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental são reprovados. Isso representa um total de 969.540 reprovações. Este índice de reprovação é alto, e pode significar que, em algum momento, as crianças das escolas públicas brasileiras não conseguiram se adaptar à regra do jogo estabelecida por seus professores.

Tomando como base o art. 30 da Resolução CNE/CEB n.º 07, depreende-se que o objetivo das séries iniciais do Ensino Fundamental não é reprovar os alunos, e sim proporcionar a eles condições necessárias para aprenderem.

Observa-se que a função do Ensino Fundamental é mitigar qualquer possibilidade que impeça seus alunos de aprender, buscando sempre encontrar o cerne de qualquer problema apresentado por eles. A escola é um ambiente para o qual os alunos levam consigo seus medos, sonhos, frustrações e esperanças. O professor e todo o grupo escolar devem estar aptos para perceber todos estes sentimentos irradiados pelos discentes, desde que estes iniciam a pré-escola.

Quando se trata do processo de ensino/aprendizagem, e da forma como este se apresenta na contemporaneidade, muitas discussões podem ser trazidas à baila, todavia, a discussão que se deseja construir em um primeiro momento, é a de que o Ensino Fundamental como alicerce essencial de toda vida estudantil, deve estar pautado em metas regulares, comprometidas e direcionadas à construção do conhecimento científico.

¹ Dados retirados do site <<http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>>

Quando há falhas no processo educacional compreendido pelo Ensino Fundamental, todo o ensino-aprendizagem fica comprometido. Em prol deste ensino de qualidade, vislumbra-se de acordo com os PCN, que o Ensino Fundamental se comprometa efetivamente com o acesso ao conhecimento científico do aluno.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p.5), os objetivos gerais do Ensino Fundamental determinam que os alunos, entre outras competências, sejam capazes de:

- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Todos estes objetivos do Ensino Fundamental propostos pelo PCN tem como premissa maior sintetizar o fato de que é no início da carreira estudantil que as maiores descobertas são realizadas, sendo estas descobertas responsáveis por toda a evolução do processo de ensino/aprendizagem.

Segundo o PCN (BRASIL, 1998, p.18) é preciso que a educação fundamente-se em quatro pilares, e que os alunos desenvolvam quatro habilidades que os tornem indivíduos necessariamente preparados para a vida estudantil, a saber:

- aprender a conhecer, que pressupõe saber selecionar, acessar e integrar os elementos de uma cultura geral, suficientemente extensa e básica, com o trabalho em profundidade de alguns assuntos, com espírito investigativo e visão crítica; em resumo significa ser capaz de aprender a aprender ao longo de toda a vida;
- aprender a fazer, que pressupõe desenvolver a competência do saber se relacionar em grupo, saber resolver problemas e adquirir uma qualificação profissional;
- aprender a viver com os outros, que consiste em desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, na realização de projetos comuns, preparando-se para gerir conflitos, fortalecendo sua identidade e respeitando a dos outros, respeitando valores de pluralismo, de compreensão mútua e a busca da paz;
- aprender a ser, para melhor desenvolver sua personalidade e poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais.

É, portanto, o Ensino Fundamental, como seu próprio nome sugere, um sistema fundamental, principiológico, pautado em noções fundamentais que iniciam e encerram uma

cadeia sucessiva e progressiva de conhecimentos que buscam efetivar o crescimento intelectual do ser humano em formação.

2.2 O aluno leitor/escritor que se espera no Ensino Fundamental

Como já foi abordado anteriormente, é esperado do aluno do Ensino Fundamental competências e habilidades que permita-o ultrapassar o óbvio. Ultrapassar o óbvio é, por assim dizer, a capacidade de dar significado àquilo que não está dito, mas que por si só possui um sentido implícito e oculto. Portanto, os alunos produzidos por tal processo escolar devem ser capazes de refletir e posicionar-se de forma crítica sobre as situações diárias do mundo que os cercam, isso se chama leitura de mundo.

Para Orlandi em seu livro *Discurso e Leitura*:

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas (ORLANDI, 2008, p. 11).

O Ensino Fundamental, no que diz respeito à produção de leitores e escritores competentes, tem seus preceitos regulamentados pelo PNE (Plano Nacional da Educação) PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) PPP (Projeto Político Pedagógico) LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e, tomando como base tais regulamentações, a direção do Ensino de Língua Portuguesa, mais propriamente nas competências de leitura e escrita voltam-se a formar um leitor/escritor proficiente, entretanto, para isso, há que se trabalhar muito, com seriedade e determinação.

Para se formar leitores competentes, de acordo com os PCN:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler (BRASIL, 1997, p.42)

Diante do exposto, requer-se que, como leitor competente, o aluno do Ensino Fundamental seja capaz de, além de decodificar os signos linguísticos, impor sentido àquilo

que lê. Não basta apenas o mero reconhecimento das palavras, é necessário que estas palavras juntas em um contexto linguístico estabeleçam significado.

Orlandi (2008, p.11) assevera que “a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente”.

No que concerne à criação de escritores competentes, o PCN assevera que esta criação acontece da seguinte maneira:

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias criações. É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura (BRASIL, 1997, p. 52).

Trazendo à baila os entendimentos apregoados pelo PCN depreende-se que o processo criador e imaginário para a produção da escrita, só acontecerá com excelência, quando forem dadas oportunidades aos alunos para que eles escrevam seus próprios textos, tomando como base, “bons” modelos que os auxiliem no processo criativo.

Para Koch (2010), não há que se falar na produção textual sem se avaliar que o processo de escrita se dá a partir de três focos. A escrita com o foco na língua, a escrita com o foco no escritor e a escrita com o foco na interação. É, todavia, a escrita com o foco na interação, o modelo mais pontual da aprendizagem do ato de escrever. Nesta concepção interacional, Koch assevera que:

A escrita não é compreendida em relação apenas à apropriação das regras da língua, nem tampouco ao pensamento e intenções do escritor, mas sim em relação à interação escritor-leitor, levando em conta, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva do processo (KOCH, 2010, p.34).

O aluno que termina o Ensino Fundamental precisa, portanto, escrever com habilidade e ler com proficiência. Para tanto, a habilidade na escrita só será construída se este aluno produzir textos sobre os mais diversos assuntos, consonante a orientação do professor, bem como conhecer os mais distintos gêneros discursivos e tipológicos, além de ser capaz de expressar-se de forma clara, obedecendo às regras impostas, pela norma padrão da língua portuguesa.

No que se refere à proficiência na leitura, esta será adquirida, à medida que ao aluno for apresentado aos mais diversos gêneros discursivos e textuais. Ao leitor proficiente cabe também compreender as entrelinhas de um texto, voltando-se não apenas ao que está dito em sua forma literal, mas também ao que pode estar subentendido sob o viés da literalidade.

Nestes termos, o texto sempre será o ponto de partida para que as competências de leitura e escrita possam ser aprimoradas, pois, a capacidade de se produzir textos claros, objetivos e coesos só é possível quando se apresenta aos alunos um material rico em bons exemplos.

Há que se ressaltar ainda que os indicadores do ensino oferecido pelo Ensino Fundamental voltam-se sempre ao texto para compor suas avaliações. A Prova Brasil, por exemplo, ainda que questionável, utiliza-se de textos para avaliar as habilidades de leitura dos alunos do 5.º e 9.º anos do Ensino Fundamental, partindo do pressuposto de que o texto sempre será o lugar ideal para avaliar a competência leitora do indivíduo inserido na instituição escolar. O Enem, que avalia o Ensino Médio, é outro instituto que tem suas avaliações bastante questionadas e que servirá como referencial mais adiante, este, também utiliza-se do texto como ponto de partida para a composição de suas provas. Os dois programas de avaliação do Governo Federal, ainda que muitas vezes não sejam referências em matéria de idoneidade procedimental, partem da pressuposição de que o texto é o elemento essencial para avaliação do ensino oferecido pelas escolas públicas e particulares brasileiras.

2.3 Perfil do aluno leitor/escritor produzido pelo Ensino Fundamental

No que diz respeito às competências de leitura e escrita, de acordo os resultados obtidos na Prova Brasil, o Ensino Fundamental tem produzido, cada vez menos, alunos capazes de redigir “bons” textos, nem, sujeitos habilitados para captar os sinais, as emoções e pensamentos implícitos no texto.

Os alunos que saem do Ensino Fundamental têm sido apenas alfabetizados e poucos realmente são letrados, isso quer dizer que, muitos estudantes reconhecem o alfabeto, são capazes de ler, chegam a escrever textos curtos, pouco complexos, todavia, não conseguem atribuir sentido ao que leem e escrevem.

O Ensino Fundamental tem resistido a uma série de inovações e isso afeta singularmente no modo como seus alunos têm aprendido a ler e a escrever. Para muitos o ato de ler e escrever

não faz sentido, já que a escrita baseia-se na cópia do livro e a leitura é meramente fragmentada, sem significado e em alguns casos boba.

Conforme Telma Weisz², doutora em Psicologia da Aprendizagem pela Universidade de São Paulo (USP), uma das autoras dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª séries e consultora do MEC para projetos de formação de professores, o problema na leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental é um assunto sério, emblemático. Já que há uma perspectiva ultrapassada e provinciana de que a leitura e produção textual são temas que devem ser trabalhados pelo professor de Língua Portuguesa, e não pelo professor de História, Geografia e Ciências.

Para Orlandi, “A função da escola é legitimar as leituras distribuídas pelas diferentes áreas de conhecimentos” (2008, p.87). Os docentes ainda não se atentaram para o fato de que um aluno que pouco lê e pouco escreve, terá dificuldades em interpretar e realizar atividades em qualquer que seja a disciplina. O fato é que a leitura e a produção textual são competências que devem ser cobradas, avaliadas e ensinadas em qualquer disciplina. Todos os professores, independentemente da disciplina em que atuam fazem parte do processo, de mediação do conhecimento.

Chega a ser contraditório a forma como o Ensino Fundamental tem sido aplicado nas escolas da rede pública de ensino. Os alunos vivem na esperança de que alguém poderá de alguma forma ensiná-los aquilo que eles ainda não conseguiram aprender, e o mais contraditório ainda, de acordo com os pensamentos de Dermeval Saviani, “o importante não é aprender, mas aprender a aprender” (2009, p.8-9). Tomando como base tais ensinamentos, é necessário que o professor atue como estimulador, o docente, deve, portanto, instigar em seus alunos o desejo de aprender, e estes é que construirão suas formas de aprendizagem.

O fato é que a escola não tem cumprido o papel para o qual foi designada, ou seja, mediar o processo ensino/aprendizagem, e, portanto, de acordo com Telma Weisz,³ “a escola tem produzido analfabetos e a culpa pelo fracasso não é do aluno”.

Weisz afirma também que os alunos devem ter acesso a vários meios de comunicação para produzirem textos de qualidade. Aquele que tem apenas a televisão como fonte de informação tem menos condições de exercer a cidadania. Para a estudiosa,⁴ “a questão da

² Dados retirados do site <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/culpa-pelo-fracasso-nao-aluno-423526.shtml>>

³ Dados retirados do site <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/culpa-pelo-fracasso-nao-aluno-423526.shtml>>

⁴ Dados retirados do site <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/culpa-pelo-fracasso-nao-aluno-423526.shtml>>

cidadania passa pelo direito à informação e pela possibilidade de ter voz. E a voz, nesse caso, é a escrita”.

Portanto, enquanto nossos alunos não forem capazes de escrever bem, ou seja, expressarem seus pensamentos de forma ordenada e com sentido, não poderão exercer seu direito à cidadania, ressaltando-se o fato, de que, para que isso aconteça é necessário que os alunos possam ter acesso a uma pluralidade de leituras, de um universo único sob olhares diversos.

Para a estudiosa Orlandi, “a pluralidade de leituras, não está ligada à leitura de vários textos, mas, sobretudo, na possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras” (2008, p.87).

O Ensino Fundamental precisa ser, portanto, o espaço para que os alunos construam uma rede de saberes que tenha como objetivo a contemplação de um universo real sobre vários ângulos. Entretanto, ainda nos dias atuais, o Ensino Fundamental não conseguiu alcançar as metas pré-estabelecidas pelos órgãos do Ministério da Educação, e o perfil do aluno leitor/escritor desejado para tal segmento, encontra-se bem distante do que tal segmento tem produzido.

O perfil do estudante do Ensino Fundamental está muito distante do almejado. As competências de leitor e escritor proficientes por sua vez, não foram alcançadas, e há, portanto, muitas dificuldades a serem sanadas.

Em busca de avaliar o nível da Educação Nacional, o Governo Federal tem criado programas que tendem a aferir o grau de compreensão e assimilação de algumas competências referentes às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Especificamente no 5.º e 9.º anos do Ensino Fundamental, é aplicada a Prova Brasil, que de acordo com o portal do MEC⁵, é uma avaliação para diagnóstico, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), e tem como objetivo, “avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos”.

A prova Brasil aplicada no ano de 2013 reforça os baixos índices da Educação Nacional que já têm sido discutidos há bastante tempo.

De acordo com informações publicadas no portal do QEDU⁶, dos 2.443.581 alunos do 5.º ano do Ensino Fundamental da rede pública que foram avaliados, apenas 973.915

⁵ Dados retirados do site <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>>

⁶ Dados retirados do site <<http://www.qedu.org.br/brasil/aprendizado>>

demonstraram o aprendizado adequado na competência de leitura e interpretação de textos. Isto significa que apenas 40% dos estudantes brasileiros apresentaram um nível adequado de aprendizagem.

Já na avaliação realizada com os alunos do 9.º ano do Ensino Fundamental, os resultados obtidos na Prova Brasil são ainda mais alarmantes, quando avaliada a mesma competência, leitura e interpretação de textos. Dos 2.589.764 alunos, apenas 610.893 demonstraram o aprendizado adequado, ou seja, 23% dos alunos atendem aos padrões impostos pela avaliação.

Visando um panorama mais específico da competência de leitura dos estudantes do Ensino Fundamental, há que se falar dos resultados obtidos na Prova Brasil do ano de 2013 no Estado de Mato Grosso do Sul. O Estado também, ainda não conseguiu atingir o nível adequado nesta competência.

Segundo os dados dispostos no portal do QEDU⁷, dos 39.649 alunos avaliados do 5.º ano do Ensino Fundamental, apenas 17.568 demonstraram o aprendizado adequado. Isto quer dizer que somente 44% dos alunos atingiram a meta estabelecida pela avaliação.

Já no 9.º do Ensino Fundamental, apenas 28% dos alunos avaliados conseguiram atingir a meta estabelecida pela avaliação. De um total de 35.720 alunos, somente 10.132 demonstraram o aprendizado adequado.

Quando se analisa a Prova Brasil aplicada no ano de 2013, sob o viés do panorama nacional, verifica-se que ocorreram pequenos progressos na competência de leitura, de maneira geral, em relação à Prova Brasil aplicada em edições anteriores. Entretanto, o resultado de melhora obtido não significa que o Brasil esteja no ápice de sua capacidade de educar e, principalmente, de fazer com que seus alunos sejam leitores e escritores proficientes. Ainda é preciso que muito mais seja feito, para que o país atinja o ranking dos países com melhor nível de leitores.

De acordo com o portal da UOL⁸, os dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) de 2012 são alarmantes. O Brasil está na 55ª posição no ranking mundial de leitura, abaixo de países como Chile, Uruguai, Romênia e Tailândia. Segundo o relatório da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), parte do mau desempenho do país pode ser explicado pela expansão do número de alunos de 15 anos na rede em séries defasadas. O país somou 410 pontos em leitura no ano de 2012, dois a menos do que no ano de 2009, e, está 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE. Quase metade (49,2%)

⁷ Dados retirados do site <<http://www.qedu.org.br/estado/112-mato-grosso-do-sul/aprendizado>>

⁸ Dados retirados do site <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>>

dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho na avaliação que tem o nível 6 como teto. Isso significa que eles não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem.

Os alunos do Ensino Fundamental ainda precisam aprender muito sobre o processo de leitura e escrita, necessariamente, precisam deixar de ser indivíduos alfabetizados para serem indivíduos letrados.

Para Saviani, “os conhecimentos elaborados historicamente pela humanidade se constituem numa cultura letrada, por isso, dentre os conteúdos escolares, a leitura e a escrita são elementos rudimentares da aprendizagem da criança” (SAVIANI, 2008, p.15).

Diante disso, infere-se que o ato de ler e escrever com proficiência sempre serão instrumentos que viabilizarão a aquisição do conhecimento, e por sua vez implicarão na ascensão e inclusão social, assim como, se houver ausência destes instrumentos, a segregação social, pode-se tornar efetiva.

2.4 Objetivos Gerais do Ensino Médio

O Ensino Médio é um percurso da vida estudantil que será efetivado por descobertas, realizações, superações e transgressões. É um período marcado por muitas experiências que nunca “dantes” foram vividas, e, isso é verificado tanto na vida particular como na estudantil dos indivíduos que adentram esta fase do processo de ensino/aprendizagem.

Um aluno que regularmente chega ao 1.º ano do Ensino Médio, tem entre 14 e 15 anos. Esta faixa etária é marcada por um processo de transição. A adolescência já é presente e com ela surgem também novos interesses, muitas indagações, medos, sonhos e esperanças. Esta fase é complexa para todos os envolvidos com os adolescentes, principalmente pais e professores. Na adolescência, as cobranças familiares e escolares tendem a aumentar, e, muitas vezes, os adolescentes sentem-se perdidos em meio a tantas novidades.

Para Vygotski (1928-1931/1996), apud Koshino (2011, p.64)

O desenvolvimento dos interesses na idade de transição é a chave para entender todo o desenvolvimento psicológico do adolescente. Este desenvolvimento é regido dentro de certo sistema, por determinadas aspirações, hábitos, atrações e interesses sedimentados na personalidade. Ele provoca mudanças na estrutura do seu comportamento, pois “a atividade humana, não é simplesmente uma soma mecânica

de hábitos desorganizados, senão, que se regula e se estrutura por tendências integrais de dinâmicas aspirações e interesses (VYGOTSKY, 1928-1931/1996, p.18).

Partindo dos pressupostos de Vygotsky, compreende-se que o adolescente perpassa por uma fase marcada de instabilidades. Estas instabilidades são instâncias “normais” do desenvolvimento físico, intelectual e psíquico, e não podem servir como “muletas” no processo de ensino/aprendizagem.

Sabe-se, portanto, que é no Ensino Médio que se efetiva toda esta gama complexa de sentimentos contrários, todavia, os professores, bem como todos os profissionais envolvidos no processo de ensino/aprendizagem devem estar comprometidos na superação das adversidades advindas da fase de desenvolvimento dos alunos, ajudando-os a resgatar em si mesmos o equilíbrio que outrora se perdeu.

Este equilíbrio só poderá ser resgatado nos alunos, quando estes compreenderem que as mudanças que acontecem em seus organismos são fases do processo de desenvolvimento e amadurecimento do ser humano. Quando os alunos compreendem que estas instabilidades são partes do processo de crescimento passam a controlar, de forma mais participativa, seus próprios sentimentos.

De acordo com o Censo Escolar de 2014⁹, o número de alunos que desistem de estudar no Ensino Médio é maior que o número de alunos que deixam os bancos escolares durante o Ensino Fundamental. Pode-se, portanto, atribuir esta fuga à escola como oriunda tanto dos problemas relacionados à fase de transição, como das dificuldades econômicas familiares que exigem a entrada destes alunos no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família.

Ainda de acordo com o Censo Escolar de 2014, o percentual de estudantes que deixaram os bancos escolares no 1.º ano do Ensino Médio é de 9,5% e o percentual de reprovação no referido ano é de 17,0%. Este percentual de abandono e reprovação é o maior entre os três anos finais da Educação Básica, que, por sua vez, deve deixar de ser vista como uma etapa final do percurso de ensino, e sim como um nível de ensino que precisa receber as devidas atenções.

Muitas frustrações apresentadas no Ensino Médio são advindas do Ensino Fundamental, os estudantes por não terem assimilado grande parte do conhecimento pertinente ao Ensino Fundamental sentem-se despreparados ao chegarem no Ensino Médio, e, assim, acabam desistindo de lutar contra suas dificuldades e limitações, e, decidem, portanto, abandonar a escola.

⁹ Dados retirados do site <<http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>>

Em meio a todo esse caos marcado por instabilidades e percentuais estarrecedores, a função deste nível de ensino, além de mediar o conhecimento é motivar seus alunos a persistirem e darem prosseguimento aos estudos, e prepará-los para adentrarem no Ensino Superior e, posteriormente ao Mercado de Trabalho, que anseia pela contratação de profissionais preparados para lidar com as mais diversas situações do cotidiano.

O Ensino Médio é, portanto, um período de preparação do aluno para o seu desenvolvimento profissional e de sua capacidade intelectual que resultará no ingresso à universidade e ao exercício da cidadania.

No Brasil, o Ensino Médio tem a duração mínima de 3 anos e sua finalidade está disposta no art.35 da LDB 9394/96, a saber:

Art. 35: O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Diante do apregoado pelo art. 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pode-se inferir que a função do Ensino Médio é fazer com que seus alunos, mais do que dominar os conteúdos, aprendam a se relacionar com o conhecimento de forma ativa e construtiva, para que se desenvolva uma vida produtiva e autônoma.

No que diz respeito à elaboração do currículo do Ensino Médio, o art. 36 da LDB 9394/96 traz em seus incisos e parágrafos, a forma como dar-se-á configuração dos conteúdos, metodologias e formas de avaliação.

Art. 36: O currículo do Ensino Médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

- I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;
- II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;
- III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

§ 1º. Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

§ 2º. O ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

§ 3º. Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento de estudos.

§ 4º. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional.

Diante do exposto, deve o Ensino Médio ser entendido como parte de um caminho e não como o próprio caminho com fim em si mesmo.

2.5 O aluno leitor/escritor que se espera no Ensino Médio

Almeja-se que o estudante que chega ao 1.º ano do Ensino Médio possa ler e escrever com habilidade, bem como realizar inferências àquilo que lê, reconhecendo o sentido das palavras e estruturas do texto, e, além disso, possa, por meio da escrita, materializar seus pensamentos, argumentando e refutando teses que lhe são propostas, de forma objetiva, concisa, coesa e coerente.

Espera-se que a produção textual de um aluno que adentra ao 1.º ano do Ensino Médio seja marcada por uma identidade pessoal e que este aluno já tenha um estilo de escrita que lhe diferencie dos demais. Todavia, este estilo individual de escrita, só poderá ser construído se ainda no Ensino Fundamental for lhe dada à oportunidade de escrever, e de ter acesso aos diversos meios de informação que possam conduzi-lo a um pensamento crítico e reflexivo por meio da pluralidade de leituras que irá refletir diretamente na sua formação e na qualidade da escrita.

De acordo com o PCNEM (PCN do Ensino Médio):

O aluno deve ser considerado como um produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos (BRASIL, 2000, p.18).

Portanto, os alunos devem ser entendidos como textos em construção, que estão inseridos em um contexto, que devem levá-los à produção de textos. Entretanto, esta produção textual deve estar baseada nas leituras preexistentes, nos conhecimentos prévios adquiridos, e

na preparação gramatical e morfossintática oferecida pela escola. Todavia, a escola ainda tem segregado o conhecimento de Língua Portuguesa, como se este não fosse um todo único e indivisível e que leva a uma única finalidade, ou seja, à escrita, interpretação e compreensão textual.

Desde o Ensino Fundamental, as aulas de gramática são separadas das aulas de leitura e produção textual, assim como as aulas de produção textual são separadas das aulas de leitura. A escola compartimenta o conhecimento que deveria ser passado de forma única ao aluno, para que este pudesse fazer a relação fundamental entre leitura/escrita/reescrita e produção textual.

As aulas de gramática são descontextualizadas, ou seja, não tomam o texto como ponto de partida para suas análises, e as aulas de leitura são voltadas pouquíssimas vezes aos cânones literários, ou outras boas referências, já a produção textual, está voltada para qualquer assunto midiático.

Espera-se, portanto, que o Ensino Fundamental produza leitores e escritores proficientes, e que, todavia no Ensino Médio tais competências possam ser aprimoradas. Tomando como base as reflexões do PCNEM (2000, p.6-8-10), este protótipo da educação nacional almeja que seus alunos enquanto leitores e escritores proficientes sejam capazes de:

- compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação;
- confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas;
- analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção;
- compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade;

Portanto, espera-se que o aluno do Ensino Médio seja capaz de compreender o tema proposto em uma produção textual, e registrar pela escrita ideias coerentes e coesas sobre o determinado tema. O aluno do Ensino Médio, enquanto leitor e escritor ativo, deve ser capaz de ler o mundo que o cerca e representá-lo por meio da sua visão particular através da escrita. Para ler o mundo é preciso ir além da mera abstração, é preciso refletir sobre o universo circundante e seus significados.

Neste sentido, o portal da Nova Escola¹⁰ define ler o mundo da seguinte forma:

Ler o mundo significa mais do que ser capaz de ler um texto. É necessário aprender outras linguagens além da escrita. Gráficos, estatísticas, desenhos geométricos,

¹⁰ Dados retirados do site <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/especial-ensino-medio-425400.shtml>>

pinturas, desenhos e outras manifestações artísticas, as ciências, as formas de expressão formais e coloquiais, tudo deve ser lido e tem códigos e símbolos específicos de decifração. Quando um aluno está diante de um problema matemático, precisa ser capaz de interpretar a pergunta para entender que tipo de resposta é esperada. Idem para quem busca extrair conclusões de uma tabela de censo demográfico. Se o professor pede para escrever cartas a destinatários diferentes, o estudante tem de escolher o estilo e o vocabulário adequados a cada situação.

Nestes termos, o leitor/escritor esperado pelo Ensino Médio, deve estar preparado para compreender o mundo por meio de sua análise crítica e individual, bem como posicionar-se perante os acontecimentos que os cercam, emitindo suas opiniões por meio de fundamentos lógicos e refletidos.

2.6 O aluno leitor/escritor produzido pelo Ensino Médio

Tendo em vista os objetivos do Ensino Médio já apontados, registra-se que é neste período da vida estudantil, que os alunos passam a ter contato com os cânones literários, assim como são convocados a escrever, hábitos nunca “dantes” exercidos.

De acordo com os dados da Prova Brasil, já mencionados, o Ensino Fundamental não prepara alunos capazes de ler e escrever com proficiência, e estas “vítimas” do processo educacional chegam ao Ensino Médio, sem dominar adequadamente o processo de leitura e escrita de texto.

Por ser o Ensino Médio concebido e entendido como a etapa final da Educação Básica, este ainda tem ignorado as dificuldades que os alunos trazem consigo, entendendo que os conhecimentos elementares de leitura e escrita deveriam ter sido aprimorados ainda no Ensino Fundamental. Partindo deste princípio, os professores de Literatura exigem que seus alunos leiam todas as obras canônicas com base na prova do vestibular e do ENEM, além disso, os professores de produção textual exigem que seus alunos escrevam textos de diferentes gêneros discursivos/tipológicos, quando, na verdade os alunos mal sabem a diferença entre gênero e tipologia textual.

Os professores do Ensino Médio, em muitos casos, sentem-se isentos de ensinar o que seus alunos já deveriam saber, de forma tal, que os alunos têm saído ainda do Ensino Médio sem saber ler e escrever, incidindo então em um número estarrecedor de analfabetos funcionais. Cerca de 35 milhões¹¹ de brasileiros que frequentaram os bancos escolares e não sabem ou não

¹¹ Dados retirados do site <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional/>>

conseguem ler e escrever com proficiência. Contrariando, o direito fundamental e social constante na Constituição Federal de 1988.

Ler e escrever no Ensino Médio são dois processos vistos como “O calcanhar de Aquiles” para os alunos. Muitas vezes o professor pensa facilitar o trabalho dos alunos quando solicita uma produção textual, entretanto, isto nada mais é que um “presente de grego” dos professores para os seus alunos, uma vez que dado o não oferecimento de atividades de leitura e escrita cotidianamente, eles não têm referenciais/informativos para produzir um texto/discurso, nem se posicionar criticamente frente à uma situação.

Entende-se, todavia, que o posicionar-se criticamente esteja relacionado ao saber e ao conhecer, e que, portanto, a sapiência e conhecimento são advindas do ler, do ouvir, do ver e vivenciar.

Dessa forma, solicitar uma produção textual talvez “nunca” seja uma “boa pedida”. E o resultado desta falta de hábito e exercício contínuo, incide diretamente nos resultados das notas do ENEM, e dos vestibulares.

De acordo com o Portal do G1, baseado em informações do Ministério da Educação¹², dos 6 milhões de candidatos que prestaram o ENEM no ano de 2014, 529 mil, ou seja, 8,5% tiraram nota zero na produção do texto dissertativo-argumentativo, um número cinco vezes maior que o do ano de 2013, e a média geral na redação caiu quase 10% em relação a 2013.

Isso leva a crer que os alunos que saem do Ensino Médio ainda não aprenderam a ler, e muito menos a escrever, são meros reprodutores de um ensino de má qualidade pautado em uma educação desmotivadora e desordenada, conjecturada por várias leis, diretrizes, parâmetros e projetos que nada mais são que papéis formados por uma teoria bela e utópica, já que a prática tem ficado muito aquém de tudo o que está idoneamente pré-estabelecido.

¹² Dados retirados do site <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/529-mil-alunos-obtiveram-nota-zero-na-redacao-do-enem-2014-diz-mec.html>>

CAPÍTULO 3 – “AS VOZES DOS QUE POUCO FALAM”

Este capítulo tem por objetivo trazer à baila considerações a respeito da pesquisa de campo realizada com alunos dos 1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Médio do período matutino da escola Estadual Presidente Vargas da cidade de Dourados – MS, cujo objetivo era avaliar se os alunos do Ensino de Médio tiveram pouco acesso às competências de leitura e escrita no Ensino Fundamental, ou se tais competências foram trabalhadas inadequadamente.

Pesquisa de campo pode ser definida como:

Aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.169).

A pesquisa de campo deste trabalho buscou desvendar em qual fase da vida estudantil dos alunos, tiveram contato mais efetivo com as competências de leitura e escrita, assim como buscou encontrar o cerne das dificuldades que se dão neste processo de ensino/aprendizagem, já que os alunos que têm adentrado ao Ensino Médio da citada escola ainda não dominam com habilidade as competências abordadas.

Para que tal pesquisa fosse realizada, foi elaborado um questionário composto por 20 questões, que, de maneira geral, buscavam informações da vida estudantil dos alunos no que se refere às competências de leitura e escrita ainda no Ensino Fundamental.

Das 20 questões elaboradas, algumas não serão objeto de análise, pois levam a outras discussões que vão além do objetivo principal proposto neste trabalho, que por sua vez é desvendar se de fato o Ensino Médio é um universo inédito no processo de leitura e escrita, sendo assim, solos nunca “dantes” pisados.

O questionário foi aplicado a 80 alunos do período matutino da escola, alunos estes na faixa etária entre 14 e 17 anos e acima desta faixa etária. Deste total de 80 sujeitos informantes que responderam ao questionário, 38 são do sexo masculino e 42 são do sexo feminino.

Diante do *corpus* avaliado e do resultado das questões que serão utilizadas como referencial para esta pesquisa, observou-se que os alunos que chegam ao Ensino Médio de fato não desenvolveram com habilidade as competências de leitura e escrita, confirmando a tese de que o Ensino Fundamental não tem preparado satisfatoriamente seus alunos para que eles possuam proficiência em tais competências.

Dos 80 alunos que responderam ao questionário, 11 reprovaram no Ensino Fundamental, o que corresponde a 13,75% dos alunos avaliados. Deste número de alunos reprovados no Ensino Fundamental, 45,45% reprovaram na antiga 1.^a série, que atualmente corresponde ao 2.^o ano do Ensino Fundamental.

Do *corpus* analisado, 55 alunos responderam ter estudado todo o Ensino Fundamental em escola pública da rede de ensino, o que equivale a 68% dos alunos avaliados. Deste mesmo *corpus*, 68,8% afirma ter escrito mais textos no Ensino Médio, assim como 62,5% afirma ter realizado mais leituras no Ensino Médio, o que por sua vez corrobora com o objetivo deste trabalho, que é evidenciar que as competências de leitura e escrita são de fato “solos pisados” e que deixam marcas, apenas no Ensino Médio.

O fato é que a pesquisa trouxe além do resultado que se buscava evidenciar, interrogações enigmáticas, pois, os alunos, quando questionados sobre o fato de terem frequentado a biblioteca no Ensino Fundamental, trouxeram à tona dados bastante relevantes.

Quando questionados sobre o fato de terem frequentado a biblioteca no Ensino Fundamental, 61 alunos responderam que frequentavam a biblioteca, o que corresponde a 76,25% dos alunos que responderam ao questionário. Este percentual leva a crer que os alunos, de forma bastante significativa, estiveram em contato com um ambiente que está diretamente ligado à leitura. Quando questionados sobre o fato de terem frequentado com maior assiduidade a biblioteca no Ensino Fundamental ou Ensino Médio, 58 alunos responderam ter frequentado com maior assiduidade a biblioteca no Ensino Fundamental, o que representa um percentual de 72,5%.

Diante destes percentuais, eis que um questionamento toma espaço neste trabalho. Se 72,5% dos alunos afirmam ter frequentado com maior assiduidade a biblioteca no Ensino Fundamental, quais seriam então os motivos que os fazem chegar ainda no Ensino Médio sem de fato serem leitores proficientes? Tanto os dados da Prova Brasil, do Enem e do PISA, apontam que os alunos não dominam a competência leitora.

Muitos são os questionamentos que podem ser feitos, porém, este trabalho limita-se apenas aos questionamentos que lhe são pertinentes, ficando os demais sujeitos a outro trabalho. Todavia, intrigante é a situação de os alunos frequentarem mais vezes a biblioteca no Ensino Fundamental e realizarem mais leituras e composições textuais no Ensino Médio.

Outro questionamento bastante intrigante para o qual não se trará resposta neste trabalho, mas sim uma única hipótese, está relacionado ao fato de os alunos quando

questionados sobre a condição de acreditarem terem chegado ao Ensino Médio bem preparados para o ato de leitura e escrita afirmarem que acreditam estarem bem preparados.

Dos 80 alunos que responderam ao questionário, 58 disseram acreditar que estão bem preparados para tais competências, o que corresponde a um percentual de 72,5% dos entrevistados.

Seria maravilhoso acreditar que este percentual de fato condissesse com a realidade, todavia, sabe-se que os alunos que chegam ao Ensino Médio não estão bem preparados para as competências de leitura e escrita, assim como aqueles que têm saído do Ensino Médio e deixado os bancos escolares. Como já abordado anteriormente cerca de 35 milhões de brasileiros que frequentaram os bancos escolares são analfabetos funcionais.

O fato é que, se 72,5% dos alunos acreditam que estão bem preparados para as competências de leitura e escrita. Existe algum motivo que os levam a crer que dominam estas competências, ou talvez eles desconhecem na íntegra o que é ser um leitor e escritor proficiente.

Acredita-se mais na premissa e hipótese de que os alunos desconhecem quais são as habilidades que um leitor e escritor proficiente devem possuir, do que na crença de que eles realmente dominem tais competências.

Tomando espaço para uma afirmação, os alunos só poderão atribuir a si mesmos o mérito de estarem bem preparados para tais competências, quando conhecerem o que é esperado deles enquanto leitores e escritores proficientes. Estes se julgam aptos à leitura e à escrita devido ao fato de terem aprendido a ler e a escrever, entretanto, talvez, “ninguém” os tenha dito que ler e escrever, leia-se alfabetização, enquanto dominar com proficiência leitura e escrita, leia-se letramento.

Os alunos têm a ideia de que estão bem preparados, pois, desconhecem a diferença entre alfabetização e letramento, assim como não sabem de fato onde precisam chegar e o que realmente precisam dominar enquanto leitores e escritores proficientes.

Todavia, pensa-se que esta falsa percepção da realidade não seja apenas inerente aos alunos que incidem em erro quando creem terem aprendido. Esta falsa percepção pode estar infiltrada no corpo docente que acredita estar ensinando e fazendo com que os alunos aprendam, por também, muitas vezes, desconhecem o lugar do “pódio”, ou linha de chegada ao processo de ensino/aprendizagem por parte dos discentes.

Não há que se atribuir a culpa ou o mérito pelo desconhecimento da linha de chegada dos alunos ao pódio, somente aos professores. Talvez este não seja o momento oportuno para se falar em culpa, ou talvez esta nem exista. Existe sim, um grupo escolar responsável pelo ser

e o fazer a escola, e, este grupo, é responsável pelo que a escola não é ou não faz enquanto instituição de ensino.

Diante disso, a escola precisa refletir sobre sua missão enquanto instituição de ensino, sem perder de vista que a sua função primordial é fazer com que os alunos construam o conhecimento científico, potencializando, todavia, os conhecimentos que estes discentes trazem consigo, para o ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da compilação teórica, da análise dos dados documentais e da pesquisa de campo realizada para este trabalho pôde-se concluir que o Ensino Fundamental, ainda nos dias atuais, tem se mostrado bastante aquém dos objetivos propostos pelos documentos oficiais educacionais, no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem, principalmente no que diz respeito às competências de leitura e escrita.

O Ensino Fundamental tem produzido alunos pouco hábeis para o processo de leitura e escrita. Alunos estes que são receptores passivos de um processo de educação bancária. Alunos que foram alfabetizados, mas que não cumpriram, com excelência, o processo de letramento, mesmo porque, o conceito de excelência não está claro para os professores e alunos.

Foi apontado neste trabalho índices que comprovam o baixo nível de aprendizagem nas competências de leitura e escrita dos alunos, e verificou-se, todavia, que as dificuldades relacionadas a tais competências são reflexos do paradigmático e pouco reflexivo Ensino Fundamental, que, por muitas vezes, menospreza a capacidade intelectual, produtiva e criativa de seus alunos, esquecendo-se que como pilar do processo educacional precisa deixar de se ver como um fim em si mesmo, e preparar melhor seus alunos, para que estes possam adentrar o Ensino Médio com dificuldades menos acentuadas, pelo menos em áreas tão essenciais como leitura e escrita, que irão incidir diretamente no sucesso de aprendizagem das outras disciplinas e dos outros níveis educacionais, como o Ensino Superior, por exemplo..

A escola composta por todos que a circundam, bem como pais, professores, diretores, coordenadores, funcionários e alunos precisam engajar-se no desenvolvimento de metodologias que fujam às regras curriculares, mas que verdadeiramente comprometam-se a ensinar. As atuais metodologias da escola, engessam o conhecimento, quando não, o fragmentam, entretanto, o objetivo da escola enquanto instituição de ensino é desenvolver em seus alunos a capacidade de pensar o conteúdo interdisciplinarmente e não de forma dividida como vem ocorrendo.

Verificou-se no presente trabalho que a hipótese formulada de que os alunos do Ensino Médio só têm contato efetivo com as competências de leitura e escrita de fato no Ensino Médio, pois ao responderam ao questionário aplicado na pesquisa de campo, os alunos participantes da pesquisa responderam que leem e escrevem mais no Ensino Médio, ainda que por mais vezes tenham frequentado a biblioteca no Ensino Fundamental.

O que estes alunos faziam e como o faziam na biblioteca no Ensino Fundamental é um fato interessante que poderá ser analisado em um outro momento, pois muito intrigante é frequentar-se a biblioteca com maior assiduidade no Ensino Fundamental, e realizar mais leituras e produções textuais no Ensino Médio, uma informação por sua vez um tanto paradoxal.

O fato é que, ainda no Ensino Fundamental os alunos precisam desenvolver habilidades na leitura e na escrita, que são fundamentais para o processo de ensino/aprendizagem que, todavia, têm caído no esquecimento.

Diante da compreensão de quais são os objetivos do Ensino Fundamental e o que se espera dos alunos no que se refere às competências de leitura e escrita, torna-se mais fácil observar que verdadeiramente os alunos que têm chegado ao Ensino Médio não desenvolveram adequadamente tais competências. Não são, portanto, os alunos advindos do Ensino Fundamental leitores e escritores proficientes.

Mediante o que foi abordado até então, o Ensino Médio tem sido um espaço de inúmeras descobertas, e, no que diz respeito às competências de leitura e escrita, estas descobertas são ainda maiores. Poucos dos alunos que chegam ao Ensino Médio tiveram, de fato, uma intimidade efetiva com a leitura e a escrita de acordo com os dados da Prova Brasil, assim como da análise das respostas obtidas na pesquisa de campo realizada

Há que se falar também que o Ensino Médio não é o ponto final da caminhada educacional e nem o cerne de tal percurso, o que por sua vez o isentaria de muitas precariedades que podem ser observadas no processo de ensino/aprendizagem, entretanto, isto não significa que os professores devam fazer “olhos cegos e ouvidos mocos” para as dificuldades dos seus alunos. Os professores devem estar sempre dispostos a sanar dúvidas e a ensinar o que não foi aprendido pelos alunos no Ensino Fundamental, ainda que ao Ensino Médio, caiba mediar o conhecimento médio, partindo do pressuposto de que o Ensino Fundamental já mediou o básico, o elementar e fundamental, embora seja entristecedor saber que se está a plantar o que outrora já poderia ser colhido.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Introdução.** Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa.** Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Ensino Médio.** Brasília, 2000.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade/** Suely Ferreira Deslandes, Romeus Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Trad. Bruno Charles Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa : guia prático /** Fabiana Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros. – Itabuna, BA : Via Litterarum, 2010.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual/** Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica/** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Trad. Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. – Portugal: Porto Editora, LDA, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura** – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10.ed. ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SITES CONSULTADOS

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Último acesso em: 31 de Outubro de 2015. Brasília : 1996.

G1. **529 mil alunos ficaram com nota zero na redação do Enem 2014, diz MEC**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/529-mil-alunos-obtiveram-nota-zero-na-redacao-do-enem-2014-diz-mec.html>> 15 de Outubro de 2015.

KOSHINO, Ila Leão Ayres, Vigotsky: **Desenvolvimento do Adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético**. 10 de Março 2011. Dissertação (Mestrado) – UEL: Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 10 de Março de 2011. Disponível: <http://www.uel.br/pos/mestredm/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_KOSHINO_Ila_Leao_Ayres.pdf> Último acesso em: 31 de Outubro de 2015

MEC. **Prova Brasil – Apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>> Último acesso em 28 de Setembro de 2015.

MEC, **Resolução n.º 07 CNE/CEB de 14 de Dezembro de 2010**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf> Último acesso em: 31 de Outubro de 2015.

NOVA ESCOLA. **A culpa pelo fracasso não é do aluno**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/culpa-pelo-fracasso-nao-aluno-423526.shtml>> Último acesso em 03 de Agosto de 2015.

NOVA ESCOLA. **Especial Ensino Médio**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/especial-ensino-medio-425400.shtml>> 15 de Outubro de 2015.

QEDU. **Aprendizado: Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/estado/112-mato-grosso-do-sul/aprendizado>> Último acesso em 05 de Agosto de 2015.

QEDU. **Taxas de rendimento (2014)**. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>> Último acesso em 16 de Agosto de 2015.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Opinião Analfabestimo Funcional**. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional/>> 15 de Outubro de 2015.

UOL EDUCAÇÃO, **Pisa: desempenho do Brasil piora em leitura e 'empaca' em ciências**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>> Último acesso em 05 de Agosto de 2015.

ANEXOS

Prezado(a) entrevistado(a),

As questões a seguir referem-se a uma pesquisa de campo para a composição do trabalho de conclusão de curso – TCC, da acadêmica Mileni Satil de Oliveira, para o curso de LETRAS – Português/Inglês da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS, cujo objetivo é evidenciar que as dificuldades apresentadas pelos alunos do Ensino Médio nas competências de leitura e escrita, são resquícios do ensino/aprendizagem proporcionado pelo Ensino Fundamental de escolas da rede pública de ensino, de modo que, seria, portanto, no Ensino Médio, que os alunos de fato se deparam com as modalidades efetivas de leitura e escrita.

Tema do Trabalho: Ensino Médio: Universo Inédito. Leitura e Escrita, solos nunca “dantes” pisados.

Orientadora: Professora MSc. Elma Luzia Correa Scarabelli

Questionário/ Questões utilizadas para análise de dados

- 1) Qual ano escolar você está cursando?
 1.º ano do Ensino Médio
 2.º ano do Ensino Médio
 3.º ano do Ensino Médio

- 2) Qual a sua idade?
 14 anos 15 anos 16 anos 17 anos mais que 17 anos

- 3) Qual seu sexo?
 masculino feminino

- 4) Você reprovou em algum ano do Ensino Fundamental
() sim () não
- 5) Caso você tenha reprovado em algum ano do Ensino Fundamental, indique-o abaixo.
() 2.º ano () 3.º ano () 4.º ano () 5.º ano
() 6.º ano () 7.º ano () 8.º ano () 9.º ano
- 6) Você estudou o Ensino Fundamental em que tipo de escola
() todo em escola da rede pública de ensino
() todo em escola da rede privada de ensino
() alguma parte em escola da rede pública de ensino e outra parte em escola da rede privada de ensino
- 7) Em que período da sua vida estudantil você acredita que escreveu mais textos?
() Ensino Fundamental () Ensino Médio
- 8) Em que período da sua vida estudantil você acredita ter realizado mais leituras?
() Ensino Fundamental () Ensino Médio
- 9) Você acredita que havia interesse dos professores do Ensino Fundamental em desenvolver nos alunos o hábito pela leitura e pela escrita?
() sim () não
- 10) Você acredita ter chego ao Ensino Médio bem preparado para o ato de ler e escrever?
() sim () não
- 11) Você acredita possuir dificuldades nas competências de leitura e escrita?
() sim () não
- 12) Você frequentava a biblioteca no Ensino Fundamental?
() sim () não

13) Em que período de sua vida estudantil você frequentou com mais assiduidade (mais vezes) a biblioteca?

Ensino Fundamental Ensino Médio